

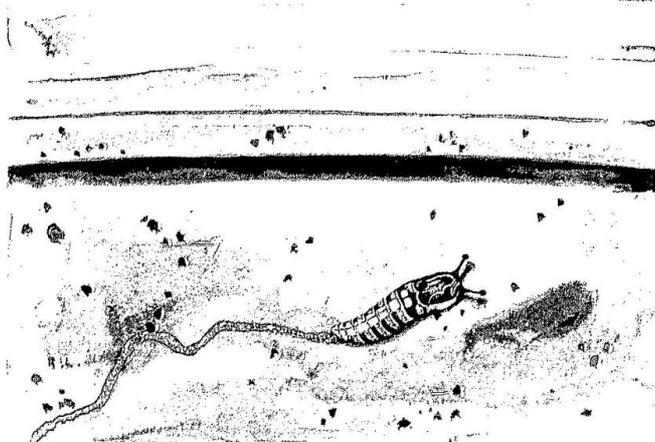
SEGUNDO CADERNO

ARNALDO JABOR

O poeta Manoel de Barros lançou um novo livro: "Livro sobre nada" é o nome. Este surrealista-minimalista-pantaneiro, poeta das insignificâncias, dos detritos, descobre dramas na vida dos caramujos e nos ovos de formiga e faz os sapos do lodo denunciarem nossa fragilidade. Leia este seu poema antigo, onde a morte de uma lacraia furada de espinho tem a pungência da morte de Isolda:

"Chega de escombros, centopéia antúria!
Estrepe enterrada no corpo, a lacraia
se engrola rabejando rebola
suja-se na areia
floresce como louca.
Gerânios recolhem seus anelos.
Está longe o horizonte para ela!"

Pois este poema extraordinário lembrou-me um crime que eu tenho de confessar. Eu o cometi há um ano. É o seguinte: eu matei uma lesma no muro de meu jardim. Isto não é nada, dirão vocês. Pois se é nada, eu hoje escrevo sobre nada, porque esta ocorrência banal que parece a culpa ridícula de um "eco-chato" ainda não me saiu da cabeça. Volta e meia penso na lesma, minha vítima. Vamos aos fatos. As chuvas trouxeram muita umidade ao meu quintal cheio de bananeiras e buxos, onde uma estátua de Ceres se recobra aos poucos de limo. Estas súbitas águas devem ter irrigado a "infima sociedade" dos bichos ocultos nas gretas do jardim, pois deram para aparecer grandes lesmas que se puseram a traçar riscos de madrepérola no muro do quintal. Soupre tive um certo horror das lesmas, com sua lentidão inútil, seu ritmo obstinado que nos lembra os outros bichos que nos comêrão, que imitam os movimentos sem rumo de nossa vida absurda. Este não era um bicho nojento, mas uma grande lesma negra com estrias amarelas nas costas e dois chifrezinhas orgulhosos, como uma lesma de desenho animado. Mas me provocou um horror inesperado. Será que meu asco saía da infância profunda, vinha de um nojo sexual qual-quer? Eu me lembro de um analista que disse que só temos nojo do que queremos comer. Meu horror da lesma viria de uma antigüíssima fome de um bilhão de anos atrás, quando moluscos e vermes nos alimentavam? O que sei é que a lesma me irritava muito, uma intrusa em meu muro. Para onde ela ia, afinal? Por que não me incomodavam as formigas, os sabiás gordos e egóistas a quem eu até atirava arroz e bananas? A presença daquele lento vaguinheiro era insuportável. Ela não podia ficar ali, quebrando meu mundo de harmonia, meu quintal planejado: arbustos, passarinho, bananeiras, estátua. A lesma me jogava na pré-história, no período cambriano, quando os bichos escrotos nasceram; ela questionava que o jardim fosse minha propriedade privada, mostrava como era vago meu direito a esta



Escrevo hoje um artigo sobre quase nada

A poesia de Manoel de Barros pergunta-nos a que se destina nossa existência

vida correta, esta arrogância de humano, esta gravata, estas roupas, enquanto ela, toda nua, negra, estriada de amarelo, subia no meu muro. Eu conheço bem a agitação das lagartixas nos banheiros, nas frinchas da casa, e as vejo até com simpatia. A lagartixa te respeita, percebe elétrica tua presença, foge, te teme. A lesma, não. Ela te ignora, desatenta, em outro mundo denso e remoto. Ela te exclui. A lesma é *snob*. A lesma era meu perigo, minha morte, a prova de minha fragilidade, o ritmo da lesma traía minha ansiedade, meus projetos, meu nascimento do nada. De onde surgiria aquele monstro sem infância, sem ovo, sem pai nem mãe? De

onde aquela auto-suficiência? De onde aquela certeza de rumo? Que bússola ela usava? De onde aquela convivência tão íntima com meu muro, como se os dois fossem feitos um para o outro? Como ela ousava não ignorar tanto? Por que meus sabiás não a atacavam a bicadas? Por que minhas formigas não a carregavam em funeral para o buraco? Por que ninguém fazia nada?

(Vocês já vêm que minha loucura vai adiantada. Que vou fazer? Tenho de contar meu crime.)

Pois bem: entendam que eu não era apenas um pequeno burguês em crise pela invasão da lesma. Eu estava angustiado com aquele ser sem história,

ali diante de mim. Devo dizer que eu tinha sofrido naqueles dias pequenas humilhações, o que seria uma atenuante para meu gesto. Mas, em nome na verdade, tenho de confessar sem vacilar que o que eu queria mesmo era matar a lesma, sem motivo, só para vê-la morrer ali na minha frente, para curtir o prazer deste ato violento. Dei-me um intenso desejo de exterminar aquela forma de vida, tirá-la de minha parede como se eu fosse o deus da lesma, o seu destino, sua *moira*. Eu queria era pronunciar o *fatua* da lesma, eu, tão civilizado, tão castrado de instintos, com minha violência escondida. O quintal ficou mais silencioso, enquanto eu me decidia. Os sabiás não cantavam; estariam me observando? Então, com o coração batendo forte, fui até a cozinha. Disfarçadamente, querendo ocultar meu gesto da empregada, peguei rapidamente no armário um grande punhado de sal grosso (me disseram uma vez que o sal dissolve as lesmas num ferver venenoso, que o grande inimigo dos rastejantes é o sal). Em seguida, levando o punhado de sal, voltei ao quintal, excitado como para um encontro de amor. Fui devagar até o muro, onde a lesma fazia seu trajeto paciente e esforçado. Ela já ia alta, como uma operária, como um atleta, um alpinista sério, concentrado em seu destino. Eu também me concentrava, na tocaia, e tremia de emoção.

E então atirei-lhe o punhado de sal no dorso. Por um instante, ela ficou coberta do pó branco; em seguida, eu vi tudo acontecer. Ela parou por um instante. Depois (eu juro que é verdade, na medida em que alguma verdade posso conhecer, se é que minha verdade serve para interpretar a dela), a lesma virou o corpo para trás, despegando-se do muro na parte superior de sua engrenagem, e estirou-se mais ainda como uma lúnia mole me procurando. Então, por um breve segundo, ela me achou. Fixou os dois chifrezinhas em cima de mim e me "olhou". A lesma me "olhou", sem raiva, sem dor, ela me olhou com a imensa surpresa de saber de onde viera aquela praga de deus. E por uma fração de segundo, como um raio frio, como um bater de cílios, houve um contato entre mim e minha vítima. Só nos dois e, entre nós, um tremor de um bilhão de anos.

Mas foi só por um instante, quase nada, pois o sal começou a ferver-lhe no corpo e ela se desprendeu do muro, caiu pesada e sumiu entre as plantas rasteiras, morrendo, certamente. No muro, só ficou a madrepérola do seu rostro: azul-pavão, cintilações rosas, um visgo ouro, marcando sua passagem pela vida. Como escreveu Manoel, de Barros, "está longe o horizonte para ela!". Até hoje, está lá no muro a marca do meu crime. Espero que as chuvas a apaguem, mas já faz muito tempo e nada sumiu. Para mim também está mais longe o horizonte.

PROFISSIONALIZE-SE. FAÇA UM CURSO NO INE

- Secretaria Executiva
- Assistente Administrativo
- Técnico Contábil
- Aux. Dept. Pessoal
- Operador de Câmeras-VHS
- Espanhol Básico
- Importação
- Inglês Básico
- Matemática Financeira
- Comércio Exterior - Export.
- Montagem e Manutenção de Micros
- Atualização em Português
- Leitura Dinâmica e Memorização.

INFORMÁTICA

- WINDOWS 3.1 - Ambiente Gráfico
- WORD 6.0 "For Windows"
- EXCEL 5.0 "For Windows"
- WORKS "For Windows"
- WINDOWS 95
- PageMaker 5.0
- CorelDraw

MATRÍCULAS ABERTAS.

FACILITAMOS PAGAMENTOS E ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO

Informática a partir de R\$ 40,00

INE-RJ FACILITAMOS PAGAMENTOS E ACEITAMOS CARTÕES

CENTRO: Rua Evaristo da Veiga, 21 - sobreloja
TIJUCA: Rua Carlos Vasconcelos, 1.111 - Pça. Seana Pezza
220-3863 / 262-4158 / 262-0376 / 254-3772 / 254-2368

Chanel encerra 'prêt-à-porter' 97 de Paris

A Maison Dior oficializa a contratação de Galliano, que apresentou desfile de despedida para Givenchy

PARIS

A coleção da Maison Chanel, desenhada pelo alemão Karl Lagerfeld, encerrou ontem a temporada de desfiles do *prêt-à-porter* de primavera-verão 1997, em Paris. Pela passarela, desfilaram sapatos esportivos com o logotipo da grife, biquínis e conjuntinhos para a noite que apostaram no brilho e nas calças de montaria. Lagerfeld investiu no azul marinho, verde menta, lilás e roxo. A grande surpresa do desfile foi a participação da modelo Claudia Schiffer, de peruca morena. Ex-contratada exclusiva de Chanel, nos últimos tempos ela foi, por diversas vezes, ofendida por Lagerfeld na imprensa, que chegou a dizer que ela deveria mudar de profissão.



HERZIGOVA APRESENTA A última coleção Givenchy desenhada por Galliano

Alexander McQueen substitui Galliano na Maison Givenchy

Na noite de anteontem, John Galliano apresentou sua coleção de despedida na Maison Givenchy. Ele substituiu o mestre Hubert de Givenchy no ano passado debaixo de polêmicas — os admiradores da tradicional grife francesa ficaram escandalizados com a escolha do Inglês vanguardista.

Conforme O GLOBO adiantou na última quinta-feira, a Maison Christian Dior, que movimenta um capital de US\$ 900 milhões, anunciou oficialmente ontem que John Galliano será o designer da grife, responsável tanto pelas coleções de *prêt-à-porter* quanto pelas de alta costura, substituindo o italiano Gianfranco Ferré. Um outro britânico, Alexander McQueen, de apenas 27 anos, vai subs-

tituir os primeiros desfiles nos novos cargos em janeiro.

O processo todo foi mais uma prova do quanto o mundo da moda é volúvel. Afinal, no início do ano, McQueen declarara ao jornal

'Vaudeville' no mundo da moda

• A moda está parecendo uma peça de *vaudeville*. Ferré sai por uma porta, McQueen entra por outra e McQueen em Galliano. Num tempo em que os nomes dos estilistas já não pertencem aos próprios, isso é comum. Nos anos 80, quando os grandes grupos empresariais japoneses descobriram que a moda é rentável, a coisa virou regra. Jean-Paul Gaultier, por exemplo, é propriedade do grupo nipônico Kashayama.

Isso pode ser bom ou ruim. Hubert de Givenchy vendeu seu nome e hoje goza uma aposentadoria milionária. Já Chantal Thomass se deu mal. Brigou com o grupo filipino que a "possui" e não pode mais lançar coleções com seu próprio nome. Histórias como essa inspiraram o personagem de Anouk Aimée no filme "Prêt-à-porter".

No caso de Ralph Lauren, aconteceu por acaso. Ele é vizinho de uma magnata norueguesa do Petróleo em seu rancho no Colorado. Conhecera-se numa discussão sobre terrenos e o sujeito acabou distribuindo RL na Europa. Gostou tanto da no-

HAPPY HALLOWEEN

Falar Inglês é um terror.

Na última 6ª feira deste mês, o "Happy Hour Conversation Club" da Auding Idiomas terá como tema o "Halloween Party". Participe. Afinal, não é sempre que se falar Inglês dá aquele friozinho na espinha.

RSVP

AUDING IDIOMAS

Centro 224-5798
Botafogo 552-5476
Tijuca 208-4949
Barra em breve.

Quer notícias de casa?

1-800-985-8588
Ligando das EUA

*Receba O Globo nos
Estados Unidos.*

titul-lo na Maison Givenchy. O arranjo foi possível porque as duas grifes pertencem, na verdade, à mesma empresa, a LVMH Moët Henessy Louis Vuitton. Ambos os

americano "Women's Wear Daily": "A Maison Givenchy movimentou muito dinheiro mas não me interessa realmente, e Paris não me diz nada."

tas em brocado sobre longos de *chiton* com estampa de leopardo comprovaram o estilo fantasioso do estilista, num desfile que teve Eva Herzigova como estrela. ■

va atividade que "comprou" os estilistas Katherine Hammet e Jasper Conran. (*João Ximenes*)